

# Os ecos de Jacques Gauthier

## *Echoes from Jacques Gauthier*

Jacques Gauthier

Doutor em Educação pela Université de Paris 8; professor no Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, Bahia.  
E-mail: jacques.jupaty@terra.com.br.

### **Resumo**

Apontamos o mais instigante no seminário, do ponto de vista de um pesquisador que trabalha nas fronteiras entre oralidade e escrita, na busca da escrita coletiva de artigos científicos com parceiros indígenas. A escrita, e até a ciência intercultural, inserem-se no sofrimento oriundo da violência (neo)colonial; a oralidade faz irrupção nesta escrita sob a forma de voz dos ancestrais, que trazem mirações orientando a prática científica de pesquisa. Mais humanos, mais inacabados, nós pesquisadores quando compartilhamos com nossos parceiros, num *terceiro-lugar*, a teorização da *ressignificação* da instituição escolar, que deve aprender a observar e ouvir, até ser *indigenizada*. Contra o pensamento binário, costumamos esse entrelugar a partir de fragmentos de fluxos que cada pessoa se apropria do seu jeito, tornando-se criador de cultura, produtores de diferenças, de aceleradores do fluxo de significados. Na impermanência, é urgente que criemos a vacuidade em nós e que aprendamos, uns de outros, a interdependência.

### **Palavras-chave**

Interculturalidade. Ancestralidade. Epistemologia.

### **Abstract**

We point out the most instigating aspects of the seminar, from the point of view of a researcher that works in the frontiers between orality and writing, in search for collective writing of scientific papers with indigenous partners. Writing, and even intercultural science, are part of the plight caused by (neo) colonial violence; orality emerges in this writing as ancestors' voices, which bring about ways of looking, that guide the research scientific practice. More human, more unfinished, we researchers share with our partners, in a third place, the theorization of re-signification of the school institution, which must learn to observe and listen, until it becomes indigenous. Against the binary thought, we join this in-between from fragments of streams of which each person gets hold, becoming a culture creator, a difference producer, an accelerator of the stream of meanings. In impermanence, it is urgent to create vacuity in ourselves and learn interdependence from each other.

### **Key-words**

Interculturality. Ancestry. Epistemology.

## Vou começar com uma pequena narrativa

Minha amiga Tupinambá Nadia Acauã disse, numa reunião da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, que a cultura era a *qualidade de vida*. Fiquei muito interessado, pois, o bem-estar, outro nome que se pode dar à qualidade de vida, é, segundo a Organização Mundial da Saúde, a própria *saúde*. Sabendo o quanto importante é, no mundo indígena, a saúde material e espiritual da pessoa e da comunidade, resolvi escrever, em co-autoria com ela, um capítulo para o livro hoje publicado pela Editora L'Harmattan, *As faces escondidas da pesquisa intercultural* (ACAUÃ; GAUTHIER, 2010) – um capítulo que trate, entre outras coisas, da noção de cultura. Ela, Tupinambá de cultura oral, eu, francês, doutor... Como fazer para tornar essa tensão na produção do conhecimento escrito uma qualidade e não uma dificuldade? Com a sociopoética resolvemos o problema e criamos um *confeto*<sup>1</sup> de cultura muito rico, que integrou as lutas atuais dos povos indígenas.

Devemos pensar neste desequilíbrio entre oralidade e escrita, quando se trata de produção acadêmica, pois ele apareceu explicitamente nos Grupos de Trabalho. René Lourau, um dos criadores da Análise Institucional, chamou de “efeito-Goody”<sup>2</sup> o

fato de que, quando começamos uma pesquisa, não somente vemos somente o que queremos ver, mas vemos somente o que podemos escrever. É uma forma de inconsciente coletivo, do qual participa o pesquisador da academia. Dá muito para pensar, quando orientamos jovens pesquisadores indígenas que observam, vêem, escutam e refletem, sem nunca terem a preocupação de pensar naquilo que, amanhã, vão ter que escrever para sua próxima publicação!

Afirmo fortemente: muitos saberes indígenas, orais, possuem o *status* de ciência. O problema não é de os indígenas comprovarem a cientificidade dos seus saberes, e sim, de nós da academia aceitarmos que a ciência possa obedecer a regras de pertinência e coerência, e criar métodos diferentes dos nossos. Foi dito nesse seminário em relação à etnomatemática, e estou aqui, agora, com a tarefa de comunicar o que vi, entendi e observei nas sessões e nos corredores do seminário.

Fui sensível, e muito, à violência sofrida, às vezes nomeada, denunciada, muitas vezes, implícita. Vou falar de somente uma provação que sofri, oriunda da violência colonial, para vocês entenderem minha implicação no tema gerador do seminário.

Fiz meu doutorado sobre as Escolas Populares Kanak, escolas indígenas da Nova Caledônia (colônia francesa do Pacífico-Sul), que lutavam contra a colonização francesa, material, política, econômica, cultural e educacional. Tive por orientadores, um professor da Universidade de Paris 8, Bernard Charlot, e jovens educadores sem o segundo grau completo dessas escolas.

<sup>1</sup> Na sociopoética, um confeto é uma mistura de conceito e afeto. Ver Santos *et al.* (2005).

<sup>2</sup> Lourau (1988) - do nome de Jack Goody, autor da *Razão gráfica*, e também do *Roubo da História*, ou seja, da história intelectual da humanidade pelo Ocidente.

Defendi minha tese frente à banca de Paris 8, e também, na Universidade Popular de Kanaky<sup>3</sup>. Na banca, Ninë Wéa, educador e líder da luta pela independência com, como ele me disse, “os educadores e alunos que foram mortos pelo exército francês”. Vocês podem entender que, durante a escrita da minha tese, fiquei muito doente e escrevi 1284 páginas, para elaborar psicologicamente e encontrar caminhos para ultrapassar a dor, a ferida colonial.

Por razões que não quero expor aqui, há três anos que, a cada quinze dias, bebo a Ayahuasca, o chá sagrado dos ancestrais indígenas. Essa experiência se desenvolve num plano espiritual íntimo, do qual também não quero falar, e num plano cognitivo. Vovó Ayahuasca – como a chamam certos xamãs indígenas, a plantadoutora, me diz coisas para eu melhorar os artigos ou livros científicos que escrevo. Ela fala por imagens, visualizações (as assim chamadas “mirações”), ou até, palavras, mostradas ou ditas por Nana Potira, meu guia espiritual, menina Tupinambá filha de Nádia Acauã, que desencarnou há três anos, vítima da violência pós-colonial do sistema hospitalar público brasileiro.

### **Minha mestra falou**

Ontem, no momento da fala de Iolanda de Oliveira, aconteceu um evento meio estranho:

*Entrei espontaneamente em estado de transe, encontrei, como sempre, minha*

*mestra e educadora espiritual Nana Potira, voamos um pouco no mundo astral e de repente, meu corpo se desintegrou, transformando-se em milhares de centelhas de fogo. Aí, mirei mulheres indígenas que, com suas mãos, palpavam uma bola, muito densa, de fogo-terra.*

Só isso. Imediatamente, interpretei: “Há de colocar a mão no fogo e dar forma ao fogo, ou seja, se dar uma identidade pela potência da Mãe-terra, para que o corpo astral possa derreter, ao emitir milhares de partículas de saber, como foguetes completamente livres, desterritorializados, sem identidade”. É isso a intensidade do seminário que tenho de transmitir. Como sou fiel à minha mestra, agora estou transmitindo.

### **O que ouvi e observei durante o Seminário, que me tocou, sem que eu pense escrevê-lo**

Entre a educação dada pela escola e a educação dada pelo meio cultural nativo, Ricardo Vieira propõe a utopia de um *terceiro-lugar*, um *entrelugar* onde 1 + 1 sejam 3, onde o sujeito não seria marginalizado nem negado, e sim se tornaria mais composto, mais complexo, com ainda mais dúvidas - eu diria, um sujeito mais inacabado, mais humano.

Mas para isso, a escola deve também se tornar mestiça, e indígenas do Grupo de Trabalho 1 D reivindicam uma escola sem relógio e sem parede, onde as crianças sejam também os professores dos professores e onde um processo de avaliação contínua substitua as provas tão contrárias à dinâmica civilizatória indígena.

<sup>3</sup> Kanaky é o nome que os indígenas deram a seu país em luta pela independência.

Como criar um “entremeio” entre essas duas utopias? A resposta proposta é a re-significação dos imperativos escolares a partir dos conhecimentos tradicionais, da observação e da escuta, que podem ser uma base para a aprendizagem da leitura e escrita.

Ou seja: há de lutar coletivamente para que a escola aprenda a mudar, ouvir e observar, e não mais, como foi dito no GT 1 C, castigar os professores que introduzem no seu ensino a cultura viva dos indígenas, onde são de fundamental importância os problemas relacionados à reivindicação da Terra-mãe.

Entendo isso como uma chamada, um projeto, para nós, brancos: aos indígenas sempre foi pedido para eles se adaptarem à visão do outro, do dominante, para eles se miscigenarem com nossas instituições, estatais, religiosas, escolares... É tempo de pedir para nós brancos, nos adaptarmos, miscigenarmos com as instituições indígenas, políticas, religiosas e educativas.

Uma condição é o reconhecimento do fato de que nenhuma civilização possui o monopólio da universalidade dos saberes. Os saberes eurodescendentes não são mais universais que os saberes indígenas; a universalidade existe em muitos saberes indígenas<sup>4</sup>. A experiência espiritual da Ayahuasca, por exemplo, é de porte universal<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Ver o dossiê apresentado pela revista eletrônica *Entrelugares*, v. 2, n. 2, mar./ago. 2010.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Costa (2002), Letierrier (2001a e 2001b) ou Narby (1995).

Aí pode nascer uma interculturalidade dialógica, respeitosa das diferenças.

Refleti muito sobre a extrema violência que te faz quem te diz: “O universal sou Eu, você é particular”, ou seja: “Sou A ciência, você é somente cultura”. Ora, Edna Guarani me explicou que há um espiral que vem dos ancestrais, que se abre em círculos concêntricos, onde podem ser acolhidos saberes oriundos de outros jogos de linguagem, de outros critérios de cientificidade, de outros projetos civilizatórios. Marshall Sahlins, o grande antropólogo, concorda com essa visão: num artigo publicado pela revista *Tellus* (ano 10, n. 18), Isabel Santana de Rose e Esther Jean Langton referem-se ao conceito de “intensificação cultural” segundo Salisbury (*apud* SAHLINS, 1997), enunciando que os indígenas de vários lugares do planeta sabem *indigenizar* a modernidade (e a pós-modernidade), ao incorporá-la numa ordem mais abrangente, a cosmovisão indígena.

Se existem “jogos de linguagem”, como disse Gelsa Knijnik, inseridos em relações de poder entre os mundos múltiplos em que vivemos, a violência está presente - às vezes ela é explícita, às vezes, ela fica implícita - e conhecer cientificamente é desconstruir as falsas evidências, as noções naturalizadas, falsamente óbvias, que escondem essas relações de poder.

Agora, meu pensamento se orienta em direção à idéia de que o que chamamos de cultura não é um jogo de linguagem, e sim, um conjunto plural de relações de poder onde são negociadas dominações, de gênero, de idade, de raça, de classe etc., e também tensões,

desequilíbrios. A partir dessas tensões são gerados o que Simondon (2005) e depois, Deleuze e Guattari (1980), chamaram de “devires”<sup>6</sup>. É a partir desses devires, linhas de fuga, inacabamentos, falhas na continuidade e homogeneidade, que agem os “operadores” de tradução, que permitem a re-significação de um conteúdo cultural (por exemplo, escolar) numa outra cultura (por exemplo, indígena). Simondon fala de “transdução”, o que é melhor que tradução. Pois o essencial, a violência da dominação, não é traduzível, ela se desloca, nos nossos corpos, músculos, nervos e, pior, cérebros.

Aí, em eco com a fala de Antônio Brand e na continuação da reflexão de Homi Bhabha (2001), vejo uma enorme responsabilidade de todos nós, com a ajuda dos nossos parceiros e parceiras indígenas, no sentido de *inventar* – na própria escola – operadores pedagógicos de transdução, que combatam a internalização da violência colonializadora, dos corpos e das mentes. Trata-se de criar uma dimensão nova, que nem a escola, nem a tradição tem, a partir do desequilíbrio, do conflito *entre* escola e tradição. Eis o desafio. Um olho vê em dimensão plana; outro, em dimensão plana; da tensão entre os dois olhos nasce a terceira dimensão, o relevo. É o que Simondon chama de “disparação”. Talvez possamos somente costurar esse entrelugar a partir de fragmentos de fluxos, de fragmentos de sentidos que cada pessoa se apropria do seu jeito, tornando-se assim um(a) criador de cultura.

---

<sup>6</sup> A tese de Simondon foi publicada em 1964, mas atingiu um amplo público somente a partir da re-edição de 2005.

É assim que Elizabeth Macedo, também em continuação de Bhabha, desconstrói a noção de cultura fora das relações interculturais, desconstrói as oposições binárias que criam uma montanha de problemas intelectuais e institucionais que não existem para o pensamento, mais rigoroso, da diferença e – o que chamou mais minha atenção – alerta sobre o fato de que, ao pronunciarmos a palavra “cultura”, paramos o fluxo de significações que constitui o mundo complexo, cheio de tensões, conforme o quadro de Pollock, sem centro nem limite, mas sempre produtor de significações. Concordo totalmente: a identificação é uma identi-fixação, e também uma identifixação, necessária, provisoriamente, para se constituir como grupo agindo dentro de uma demanda, de uma reivindicação, de um projeto político. Identi-fixação, identifixação, e também, identi-ficção. O grupo se constrói em redor de uma ficção. Daí a criação de novos mitos, necessários e provisórios. As narrativas de Bhabha. A agência de Bhabha. Os agenciamentos de corpos e de discursos de Deleuze e Guattari. Que se constituem a favor da expansão da vida e para se proteger da violência pós-colonial. Essa violência é tal que o inimigo do fechamento do discurso pedagógico politicamente correto a favor da cidadania, da integração de todos no pensamento hegemônico da democracia estatal e da mesma escola para todos é o não-cidadão, ou seja: nós. Nós, os nômades que não têm o conhecimento básico, nós, os *diferentes*.

Os agenciamentos da pedagogia intercultural crítica que temos a tarefa urgente de criar, juntos, nunca devem perder seu papel de produtores de diferenças, de aceleradores do fluxo de significados. Vivemos na impermanência, é urgente que criemos a vacuidade em nós e que aprendamos, uns de outros, a interdependência.

## Referências

- ACAUÃ, Nadia; GAUTHIER, Jacques. La sociopoétique : dispositif d'inclusion des cultures orales en sciences humaines et sociales. In: THESEE, Gina; CARIGNAN, Nicole; CARR, Paul R. (Coord.). *Les faces cachées de l'intercultural* – De la rencontre des porteurs de culture. Paris: L'Harmattan, 2010.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. 1980.
- ENTRELUGARES – Revista eletrônica v. 2 n. 2, mar./ago. 2010. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br>>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- GOODY, Jack. *La raison graphique*. Paris: Minuit, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O roubo da história*. Como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008.
- LETERRIER, Romuald. *Les plantes enseignantes*. 2001a. Disponível em: <<http://www.ethno-botanic.com/1024x768/index.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Le savoir Shipibo-Conibo*. 2001b. Disponível em: <<http://www.ethno-botanic.com/800x600/peuple-shipibo/ayahuasca.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- LOURAU, René. *Le journal de recherche, matériaux pour une théorie de l'implication*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1988.
- NARBY, Jeremy. *Le serpent cosmique – l'ADN et les origines du savoir*. Genève: Georg, 1995.
- ROSE, Isabel Santana de ; LANGTON, Esther Jean. Diálogos (neo)xamânicos: encontros entre os Guarani e a ayahuasca. *Tellus*, Campo Grande, ano 10, n. 18, jan./jun. 2010.
- SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" - a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção [parte 1]. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 1997.
- SANTOS, Iraci dos et al. (Org.). *Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética*. São Paulo: Atheneu, 2005.
- SIMONDON, Gilbert. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Grenoble: Millon, 2005.

Recebido em abril de 2011.

Aprovado para publicação em maio de 2011.